

O PROJETO DE R\$ 1 BILHÃO DO REI DO ENSINO

PORTUGAL/Continente - € 5,00 - USA/US\$ 5,00

ISTO É Dinheiro

www.istoedinheiro.com.br



REVISTA SEMANAL DE NEGÓCIOS, ECONOMIA, FINANÇAS & E-COMMERCE

Os fundos de capital de risco têm US\$ 700 milhões para investir em novos negócios, mas faltam bons projetos. Saiba quem são os fundos e o que estão procurando

ESTÁ SOBRANDO DINHEIRO

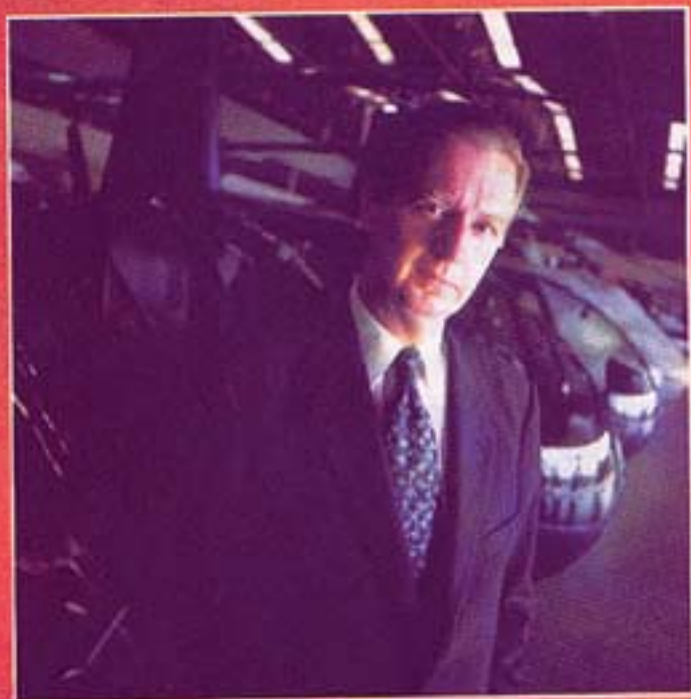
MORDEJAI GOLDENBERG,
DO FUNDO ECCELERA:
"Temos US\$ 85 milhões em
caixa para empresas de futuro"



O VÔO ALTO DO CAPITAL DE RISCO

Fundos que investem em empresas emergentes têm US\$ 700 milhões para aplicar no País. Faltam projetos

Por PAULA PAVON



O executivo Mordejai Goldenberg tem um problema de provocar inveja entre seus colegas. Enquanto a maioria dos executivos reclama de crédito escasso e juros altos, Goldenberg enfrenta o dilema oposto: tem sobra de recursos e não sabe onde investir. Goldenberg é o presidente do fundo de investimentos Eccelera. Especializado em descobrir projetos com forte potencial de crescimento, o Eccelera tem US\$

85 milhões para aplicar no Brasil. Em malo, começa uma série de encontros em busca de candidatos a receber os dólares. Não vai ser fácil. De cada cem interessados, apenas um chega à reta final. "Estamos à caça de empresas", diz o executivo. Por incrível que pareça, há uma mercadoria tão escassa quanto crédito no País: faltam bons projetos.

Nesse momento, existem 42 fundos de investimentos vasculhando o Brasil em busca

de empresas emergentes. É o chamado capital de risco — modalidade de investimento conhecida nos EUA como “venture capital”. Seu objetivo é achar negócios emergentes e entrar como sócio. Quando a companhia prospera e se valoriza, o fundo vende sua participação e embolsa o lucro. O maior desafio dos administradores é encontrar os projetos certos. Num momento de juros altos, em que a economia parou e não há estímulo para os negócios, ficou ainda mais difícil achar companhias promissoras. Executivos do setor, como Patrice Etlin, do fundo Advent, calculam que existem US\$ 700 milhões em capital de risco à procura de boas idéias. “O brasileiro é um grande empreendedor”, diz Roberto Binder, diretor da Associação Brasileira de Capital de Risco (ABCR). “Mas ele tem empreendido mais por necessidade do que por enxergar uma oportunidade de negócio.”

Para quem sonha em ter como sócio um desses fundos milionários, há um consolo. Apesar da queixa de falta de bons

Essa é uma condição básica para perseguir os investimentos: é preciso que vingam rápido. Em geral, a expectativa é que o retorno ocorra entre três a sete anos. É por isso que os garimpeiros de empresas não gostam de setores maduros. Preferem áreas em franca expansão, com nichos de mercado inexplorados. Nos EUA, o capital de risco viabilizou empresas caseiras que se tornaram gigantes como Microsoft, Apple e Intel. No Brasil, as prioridades são informática, agribusiness e telecomunicações. A sensação do momento é a biotecnologia. Segundo um estudo da ABCR, o setor recebeu 14% do capital de risco brasileiro no primeiro semestre de 2002.

Um dos maiores investimentos em biotecnologia de 2002 foi feito pela Votorantim Ventures, braço do maior grupo industrial brasileiro. A Votorantim investiu US\$ 10 milhões para montar a Alellyx, especializada em pesquisas de sequenciamento genético para melhorar a produtividade agrícola.

MAIS DE 40 FUNDOS BUSCAM NOVO



SANTOS, DO VOTORANTIM: US\$ 300 mi em caixa



CYMBALISTA, DA I-EDITORIA: apolo para criar editora pela internet

projetos, os investidores têm assinado cheques generosos. Nos últimos cinco anos, desembolsaram US\$ 5 bilhões em companhias emergentes no Brasil. Quem recebeu o dinheiro, multiplicou suas chances de se dar bem num País onde o crédito bancário secou. “Sem a ajuda de outros investidores o negócio seria inviável”, diz James Lynch, um dos donos da Helisolutions, que recebeu investimentos do fundo Rio Bravo, administrado pelo ex-presidente do BC, Gustavo Franco.

A história da Helisolutions é um bom exemplo de como se pode ganhar um sócio capitalista. A Helisolutions criou um jeito diferente de negociar helicópteros. Ao invés de comprar os aparelhos e revendê-los, a companhia formou um pool de clientes e negociou cotas de sua frota. Assim, um empresário não desembolsa US\$ 7 milhões para ter uma máquina para seu uso exclusivo. Gasta US\$ 1,2 milhão para usar 11 helicópteros quando quiser. Basta avisar com antecedência que precisa voar. “O potencial de crescimento no Rio de Janeiro e São Paulo é enorme”, diz Luiz Figueiredo, diretor da Rio Bravo.

“Procuramos setores que nosso capital e gestão façam a diferença”, diz Paulo Henrique de Oliveira Santos, presidente do fundo, de US\$ 300 milhões. “Nossas prioridades são biotecnologia, agribusiness, tecnologia de informação e serviços.”

É bem verdade que a vida das empresas desses setores, de tecnologia de ponta, já foi mais fácil. Na década de 90, a euforia em torno da “nova economia” estava no auge. Fundos despejaram bilhões de dólares em novos projetos. Vendidos como revolucionários, muitos deles eram simples idéias de sites na internet, sem consistência. Como se perdeu muito dinheiro naquela época, as aplicações ficaram mais seletivas. A boa notícia é que o conceito de capital de risco não só ficou de pé, como continua avançando. Segundo a ABCR, mesmo com a ressaca dos investidores e com a economia fraquejando, foram aplicados no Brasil quase US\$ 100 milhões no primeiro semestre de 2002. Os fundos continuaram atuando, mas com algumas diferenças: agora liberam menos dinheiro e exigem planos mais consistentes. “Acabaram os projetos só de papel e a expecta-

tiva de retorno em apenas um ano", diz Santos, da Votorantim.

Um bom exemplo da nova filosofia é o da Superbid, empresa aberta no final de 2001. Boa parte de sua estratégia de negócios se baseia na internet. Embora negócios calçados em operações virtuais estejam desgastados, a Superbid foi apadrinhada pela Eccelera porque apresentou um plano consistente. Seu pulo do gato foi misturar operações da velha e da nova economia. A companhia faz todo tipo de leilão, incluindo móveis da Companhia Vale do Rio Doce a cabos usados da Telefônica. Sua vantagem é que também permite que se faça lances sem a presença física do comprador. Nos salões da Superbid, usa-se telões para ver as propostas feitas por meio da internet. Só no ano passado, a empresa movimentou R\$ 100 milhões. "Foi uma idéia que combinou bem novas tecnologias com negócios tradicionais", diz Goldenberg, da Eccelera.

A lista dos donos do dinheiro do capital de risco é longa.

banco carioca com a empresa inglesa Electron. Em cinco anos, desembolsou US\$ 110 milhões. Tem outros US\$ 60 milhões à espera de bons projetos, em qualquer área, desde que sejam consistentes. "Na época da bolha da Nasdaq, muitos investidores se deram mal. Nós fomos mais seletivos", diz o gerente de projetos, Boris Erenburg. Seu vizinho carioca, o fundo Rio Bravo, também não se especializou. Em dois anos, aplicou R\$ 20 milhões em projetos de várias áreas. Um dos principais projetos beneficiados foi o da i-Editora, que vende livros científicos e técnicos para serem lidos pela internet. "Com o investimento, viabilizamos novos projetos", diz André Cymbalista, diretor da i-Editora, que acaba de lançar outro negócio, o "publique seu livro", em que o autor paga a impressão de sua obra.

Quem vê os grandes números dos investidores imagina que só existam chances para projetos grandiosos. Mas entre

S PROJETOS NO BRASIL

OS DONOS DO DINHEIRO

FUNDO	CAPITAL DISPONÍVEL (em US\$ milhões)	META
Advent	300	Empresas emergentes do Brasil, Argentina e México
Votorantim Ventures	300	Tecnologia, agribusiness e serviço
Eccelera	85	Empresas de tecnologia
Pactual Electron	60	Empresas emergentes em geral
CRP	15	Pequenas e médias empresas



LEILÃO DA SUPERBID: ajuda do fundo Eccelera, do grupo Cisneros

Destacam-se algumas potências, como a própria Eccelera. Formada com recursos do grupo venezuelano Cisneros, a Eccelera garimpa empresas em toda a América Latina. Abriu em março de 2000 e, desde então, já aplicou US\$ 15 milhões no Brasil, em 11 projetos. Tem outros US\$ 85 milhões em caixa, que serão dedicados à área de tecnologia. Essa é uma grande diferença em relação a outra potência de venture capital. O Advent é o maior fundo do mundo, com US\$ 6 bilhões. Seu foco, porém, é mais amplo. Busca qualquer empresa que possa crescer rapidamente. O Advent investiu US\$ 80 milhões no Brasil desde 1997. Um dos projetos beneficiados foi o da Atrium, de telefonia. Junto com o JP Morgan Capital e a GE Capital, o Advent aplicou US\$ 20 milhões na Atrium. Com o empurrão, o faturamento da empresa saltou de R\$ 6 milhões para R\$ 38 milhões em dois anos. A Advent tem outros US\$ 300 milhões reservados para o Brasil, México e Argentina.

Entre os brasileiros, um dos fundos mais importantes é o Pactual Electron. Criado em 1998, é uma associação do

os donos do dinheiro, existe um fundo especializado em pequenas e médias empresas. O CRP conta com recursos do BNDES e do Banco Interamericano de Desenvolvimento. Já aplicou US\$ 25 milhões e tem US\$ 15 milhões para novos projetos. Seu alvo são empreendedores até modestos, como o contador Edi Luiz Deitos. Há dois anos, Deitos era empregado de um frigorífico e viajou, a trabalho, para a França. Lá, percebeu um bom modelo de negócios e voltou disposto a copiar o projeto. Sem dinheiro, reuniu amigos e bateu à porta do CRP. Com os R\$ 200 mil na mão, Deitos montou a Grano, uma empresa de legumes congelados que tem um diferencial: fez uma sociedade com os agricultores para obter preços competitivos. A empresa, que começou com 20 funcionários, hoje tem o triplo. Exporta 16 toneladas por mês e faturou R\$ 3,4 milhões em 2002. "Eles apostaram num projeto no papel e deu certo", diz Deitos, um dos felizardos que ficou com um pequeno pedaço dos US\$ 700 milhões reservados para as boas idéias no Brasil. ■